

Candidato vai procurar social-democratas

ROBERTO STEFANELLI

BRASÍLIA — O candidato do PRN à sucessão presidencial, Fernando Collor de Mello, começou a preparar, ontem, uma agenda de viagens ao Exterior. Collor vai interromper seu roteiro de comícios pelas capitais brasileiras — que começa amanhã em Manaus — para alguns contatos com a social-democracia européia. Está ultimando encontros com Mário Soares, em Portugal, Adolfo Suárez, na Espanha, e François Mitterrand, na França. Vai se ausentar do cenário político nacional, ainda no pique das pesquisas, como já fizeram dois dos seus principais adversários, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e Leonel Brizola, do PDT.

Collor já faz novas avaliações sobre possíveis adversários no segundo turno, depois dos últimos números do Ibope. Seu café da manhã, ontem, no restaurante do Hotel Nacional, foi

repetidamente interrompido por cumprimentos de eventuais adversários políticos, eleitores antes contrários a seu nome, e potenciais aliados. Entre abraços a garçons, a empresários, como Jorge Gerdau Johnpeter, e políticos, a exemplo do governador em exercício de Santa Catarina, Casildo Maldaner, ele dizia já não vislumbrar mais a sombra ameaçadora do PT de Lula à sua candidatura. E parecia surpreso.

"Cresci muito na faixa do PT, da classe média urbana ao operariado. O Jair Meneguelli (presidente da CUT) e o Luís Antônio de Medeiros, cada um no seu campo, estão desgastando muito o Lula", avaliou.

ADVERSÁRIOS

Para ele, existem hoje dois adversários potenciais: Leonel Brizola e Ulysses Guimarães. Brizola sempre esteve nas suas contas, mas Ulysses vem mostrando o que Collor considera um bom desempenho recente. Como um analista político em

posto privilegiado, Collor continuou fazendo considerações sobre seus adversários: "Ulysses está muito bem no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Não são as regiões de maior densidade eleitoral, mas ele está indo muito bem. O Waldir Pires o atrapalha. Este negócio de fustigar os moderados não resiste a nenhuma discussão. É o tipo do discurso que cabe a mim ou a outro candidato de oposição. Não no PMDB, que foi e é governo. Ele não pode fugir desta realidade".

Sobre Afif Domingos, do PL, observou que "realmente não arrancou"; a respeito de Mário Covas, do PSDB, que estava nas suas perspectivas de disputar a mesma faixa do eleitorado; e de Roberto Freire, do PCB, considera que faz uma boa campanha. "Acontece que ele (Freire), por força da nova política de abertura da URSS, acabará por ter um discurso muito parecido com o do Brizola ou do próprio Ulysses", comentou.

Além da divulgação das últimas pesquisas, Collor aguardava ontem, com muito interesse, os resultados das prévias do PFL. A eventual vitória do vice-presidente Aureliano Chaves vai lhe trazer bons dividendos políticos, acredita. Na contabilidade de Collor está a adesão, quase que integral, do PFL do Rio de Janeiro ao PRN e apoio em áreas nas quais ainda tem alguma dificuldade de aceitação. É o caso do Rio Grande do Sul, onde mantém entendimentos com o senador Carlos Chiarelli (PFL), um dos escudeiros da campanha do senador Marco Maciel.

De acordo com seus cálculos devem aderir, ainda, o prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin, o senador João Castelo, inimigo do presidente Sarney no Maranhão, ambos do PFL, e o casal Gerson e Rita Camata, do Espírito Santo. "Esta será uma semana de muitas novidades", aposta.